



Culturas/religiosidades populares e espetáculo no contexto periférico do Recife: O caso do maracatu de baque solto.

**José Roberto Feitosa de Sena¹
Antonio Giovanni Boaes Gonçalves²**

Descobrimo o universo religioso do Maracatu de Baque Solto

O Maracatu de Baque Solto ou Maracatu Rural é uma manifestação da cultura popular pernambucana, em suas apresentações carnavalescas se observam circularidades entre cultura popular e religiosidades marcadas por polivalências religiosas que entrelaçam rituais da Jurema, da Umbanda, do catolicismo popular e de elementos orientais e esotéricos. Na contemporaneidade muitos grupos resistem nesse envolvimento espiritual, ao atribuírem o sucesso da ‘brincadeira’ aos rituais religiosos de preparação para saída ao carnaval e a outros festejos. Estes ritos são permeados de símbolos e significados característicos do campo religioso brasileiro.

O presente trabalho empírico é resultado de intensas atividades etnográficas realizadas no bairro periférico dos Torrões, região oeste do Recife/PE, durante os anos de 2010 e 2012 na ocasião da pesquisa de mestrado em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB (Sena, 2012). Ao longo desse tempo me debrucei sobre o campo híbrido (Bhabha,1998) do Maracatu Cruzeiro do Forte, o mais antigo da Região Metropolitana do Recife, datado de 1929 e que desfila

¹Historiador (Unicap). Mestre em Ciências das Religiões (UFPB) com mestrado sanduíche (Procad/Capes) na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Associado da ABHR. Membro do Grupo de Pesquisa em Religiosidade – *Religare*/UFPB e do Grupo de Estudos em Sociologia disposicionalista – Bernard Lahire (UFPB). Contato: joserobertosena86@gmail.com

² Mestre em Sociologia (UFPB), Doutor em Sociologia (Unesp) com Pós-doutorado em Antropologia (USP). Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. Vice-coordenador Grupo de Pesquisa em Religiosidade – *Religare*/UFPB e coordenador do Grupo de Estudos em Sociologia disposicionalista – Bernard Lahire (UFPB). Docente e orientador no Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFPB. Contato: giboaes@gmail.com



com aproximadamente 160 (cento e sessenta) integrantes durante, principalmente, épocas carnavalescas. Meu objetivo nestas breves notas etnográficas³ é descrever minhas observações e participações no grupo supracitado, refletindo sobre os hibridismos e circularidades entre culturas populares e religiosidades que se movimentam no seio da agremiação.

A ‘brincadeira’ do Maracatu, é coisa muito ‘séria’, pois, envolve, dentre outros elementos, a religiosidade popular dos seus integrantes e que regem simbolicamente as apresentações em dias de carnaval. Contudo essa religiosidade que os acompanha não é algo fixo, muito menos seus membros são fieis estáveis de um ou outro terreiro ou denominação religiosa. O Maracatu é um espaço de conflitos e negociações entre diferentes elementos religiosos que se amalgamam para a constituição múltipla e dinâmica de sua religiosidade popular. Estes elementos observados em campo são provenientes de pelo menos quatro segmentos religiosos presentes no Grande Recife: a umbanda, e aqui cabe enfatizar de seu hibridismo com o espiritismo kardecista e todo um legado de ritos de origem indígena e inclusive oriental; o candomblé, a jurema e o catolicismo popular. Expressões estas ricas, híbridas, complexas e difundidas no interior do Maracatu de Baque Solto, representando a pluralidade de suas religiosidades populares.

A religião popular é tida aqui como sendo uma prática cultural que manifesta o sagrado sem, no entanto, se distanciar do seu contexto de bases materiais em que está inserida, ou seja, são as formas múltiplas e dinâmicas de religiosidade das classes subalternas de uma determinada sociedade (Satriani, 1986). Representa um contraste com as religiões oficiais, cujo corpo sacerdotal difere dos leigos, profetas e magos das religiões populares, que, embora distintas, jamais se isolam muito menos rompem o diálogo umas com as outras recíproca e estrategicamente.

³ As entrevistas apresentadas foram realizadas com Laurinete da Silva, conhecida como Dona Neta, uma das lideranças mais anciãs do Maracatu de Baque Solto Cruzeiro do Forte. Todos os termos de anuência e autorização para a realização e publicação das entrevistas foram devidamente regularizados e anexados ao trabalho de dissertação, de acordo com as normas do Comitê de Ética da Pesquisa da UFPB.



Segundo Canclini (2008) as relações entre cultura e religiosidade popular são contextualizadas por práticas simultaneamente simbólicas e econômicas. No Brasil a religiosidade popular é a religião vivida e praticada principalmente pelos que compõem a base da pirâmide socioeconômica. Porém não se trata de um bloco monolítico, mas sim, de uma categoria social em diálogo, negociação e movimento, ocorrendo, fenômenos de circularidades culturais (Guinsburg, 2005).

Sobre os entrelaçamentos entre a religiosidade e os maracatus, assinala Guerra-Peixe (1980: 23):

“É oportuno realçar o que nos esclareceram os informantes de vários grupos: a gente do Maracatu tradicional – ‘nagô’, como dizem, no sentido de africano – é constituída, maioria, por iniciados nos Xangôs; a que prefere o Maracatu-de-orquestra, tende para o Catimbó, culto popular de características eminentemente nacionais. Ao que parece há procedência nas informações, pois nos cânticos do Maracatu-de-orquestra é constante o aparecimento de vocábulos como ‘aldeia’, ‘caboclo’, ‘jurema’ e outros – todos refletindo identificações que acusam a preferência religiosa dos participantes.”

Dentro do Maracatu de Baque Solto existem os participantes que o ‘sustenta’ espiritualmente, durante suas ‘jornadas’. Antes das suas apresentações públicas é vivenciada internamente uma experiência religiosa, um contato de alguns integrantes com o mundo sagrado. Nelas as entidades protetoras são invocadas em rituais de purificação, contra os ‘espíritos malfeitores’ e para o agrado daqueles mestres e mestras da linha de Exu que, por uma lado, uma vez não satisfeitos, coléricos, poderiam ameaçar o grupo, por outro, satisfeitos com as oferendas e preces recebidas, contribuiriam decisivamente para a tranquilidade e êxitos do grupo. Como nos demonstra Dona Neta, rainha da agremiação e sacerdotisa, responsável pelos ‘assuntos religiosos’:

“Dou os defumador, primeira coisa que eu faço, dou o defumador nela nas bonecas, o estandate,



os baque, as gola de cabôco, o que tiver né? O que tiver dentro Maracatu eu saio defumando tudinho, ai o restante do defumador eu joga na rua, ai despejo a cerveja, despejo a pitu pro homem da rua, a cerveja é pras mulher do sereno, as Pomba-gira e a cachaça é pro exu, porque nos três dias de carnaval o Exu tá solto”⁴.

Estes personagens que necessitam de proteção são: o Caboclo de Lança, a Dama-do-Paço com a Calunga e o Arreiamá, também chamado de Tuxáua ou Caboclo de Pena. Cada membro, a partir do momento em que desfila pela primeira vez, tem que repetir a sua apresentação, obrigatoriamente, por no mínimo sete anos, inclusive os objetos que ele conduz, e que quase sempre são em números ímpares, pois, segundo informações, serve “para não dar azar”.



Ilustração 1 - Altar no interior da casa de dona Neta.
Foto: José Roberto Feitosa de Sena (2011)

Observei as dificuldades que muitos pesquisadores encontram em campo, pois, o universo simbólico dos grupos é permeado por valores morais constituídos por tabus, interdições e segredos, de modo que o acesso a informações de religiões afro-brasileiras, já muito dificultado por diversos fatores, sobretudo decorrentes da discriminação étnico-racial e religiosa, são acrescidos quando esses informes passam a ser

⁴ Depoimento oral concedido por dona Neta em sua casa no dia 1/8/2011



fornecidos por integrantes de Maracatus, principalmente pelos mais velhos, cujo objetivo maior da postura recolhedora é a proteção dos segredos que envolvem o mundo dos símbolos, sendo assim entendidos como guardiãs dos saberes e práticas populares.

Personagens do Maracatu de Baque Solto e suas práticas religiosas

O Caboclo de Lança

O Caboclo de Lança, filho de uma relação afro-ameríndia, é o guerreiro de São Jorge, pois sua figura esta ligada simbolicamente ao orixá Ogum. Camuflado e vestindo sua ‘armadura’ espiritual e material, ele está de prontidão para qualquer tipo de embate. O caboclo é composto pela sua “armadura” espiritual que é a sua entidade da Umbanda, já que a maioria é da cabocla Jurema (ver foto logo a seguir). A armadura material é composta pelo chapéu ou cabeleira de papel celofane, surrão, gola, calça, meiões coloridos, sapatos (tênis) e sua guiada ou lança.

Sua lança mede em torno de 2m, é feita geralmente de madeira imbiriba, é assada no fogo para que as chamas purifiquem a madeira, e enterrada na lama por quatro ou cinco dias. Sua ponta perfurante chega a medir 30cm, é toda colorida conforme as cores estabelecidas por sua entidade protetora. Depois de pronta ela é “calçada” em ritual acompanhado banhos de descarrego e limpezas com base em sete tipos de ervas diferentes e de outros preparos “assentados” previamente no peji, com o objetivo de servir como instrumento de defesa e de batalha dos folgazões.



Ilustração 2 – Caboclo de Lança do Maracatu Cruzeiro do Forte

Foto: José Roberto Feitosa de Sena (2011)

Os banhos de limpeza que muitos integrantes tomam nos dias precedentes ao carnaval, sobretudo as mulheres que conduzem a Calunga e os caboclos de lança, são feitos à base de ervas e plantas consideradas com poder divino. Tais ervas são também utilizadas para fabricação de remédios fitoterápicos, para chás e para o ritual católico-popular das benzedeiros que trabalham na cura de diversas doenças, ferimentos e “mau-olhados”.

De acordo com a observação de campo, a camuflagem dos caboclos é feita com tinta, urucu ou pó de carvão, tendo seu rosto completamente pintado, sendo complementado pelos óculos escuro estilo *Ray-ban*, para esconder que está “atuado”. Usam também o cravo branco na boca, que serve para a proteção dos caboclos. O Caboclo de Lança é uma figura emblemática e misteriosa, porque cada folgazão tem



seus segredos particulares baseados em um sistema de crenças que mistura elementos provenientes do culto africano e dos rituais mágico-xamânicos. Procuram ainda o anonimato e muitos são ‘azougados’ termo para se referir àqueles que tomam uma combinação alucinógena de azeite, aguardente, limão e pólvora, chamada de azougue, para terem resistência física e espiritual nos dias de carnaval. Assim, estão prontos para qualquer batalha, fazendo uma alusão aos guerreiros do passado dançado sempre em forma de gira, no sentido anti-horário e sem passar pelo meio do cortejo.

O surrão é uma estrutura de madeira, coberta de lã, que leva consigo chocalhos, sempre em número ímpar (“para não dar azar”), pesa em média 25 quilos. Ao final do carnaval é comum os brincantes estarem com os ombros e as costas feridas pelo peso da “maquinada”, como são chamados os acessórios. Não deve ter relações sexuais entre os sete a quinze dias que antecedem o carnaval, além de não poder tomar banho durante os quatro dias de momo, “para não abrir o corpo”, segundo Nascimento (2005; 95). Como se verá mais a frente é o Caboclo de Lança, personagem enigmático e visivelmente místico, que recebe por parte do processo de espetacularização cultural, maior apropriação, devido principalmente a seu visual estético imponente, multicolorido e de evoluções semiacrobáticas e frenéticas.

A Dama do Paço e a Calunga

A Dama do Paço é muitas vezes, no momento que recebe a Calunga, uma mulher “pura”, isto é, que não tenha se iniciado na vida sexual. Além de ser responsável pelos cuidados da Calunga, só ela tem acesso à boneca até os períodos de apresentação. Também conhecida como dama de boneca, ela é incumbida de carregar a “defesa do Maracatu”, por livrá-lo dos riscos e “maus olhos”. Nos meses prévios, inicia-se um trabalho de preparação, onde são oferecidos trabalhos aos espíritos e a calunga recebe todas as energias, passando a ser o



elemento central da simbologia ritualística do Maracatu. Ela impede as “malquerenças” e “mau olhado”. Nestes trabalhos litúrgicos são oferecidas “obrigações” aos espíritos e a calunga recebe todo o Axé por ser o centro dos rituais. Estas obrigações, também preparadas por dona Neta, são colocadas previamente, no Peji e a boneca é “calçada”, absorvendo os “bons fluidos”.

“Pra gente que somos, eu que sou rainha e as meninas, dama do paço, que sai com a boneca, tem que tomar um banho de limpeza. Tá entendendo? Não ter relação com os homens durante os três dias do carnaval. As bonecas têm que ser tudo defumada. Antes do Maracatu sair tem que despejar o que? Cerveja pras moça e pitú pro homem da rua. Tem que deixar uma farofa com bastante pimenta que é pro homem da rua, que é pra gente sair e durante os três dias de carnaval, nada de mal acontecer, porque meu preparo é feito todo ano pra esse Maracatu sair. Ceixa também se prepara, que ela também não vai de boca aberta. Eu agora esse mês de agosto também tenho que fazer minha limpeza, por que vai chegar o carnaval né? Eu tenho que ir pra minha Mãe de Santo fazer minhas obrigações, com esse negócio de... galinha, pinto e cada qual faça sua limpeza, pra quando a gente chegar o carnaval já tá com o corpo limpo e sair bem bonita, linda e maravilhosa e vou brincar o carnaval e nada de mal vai acontecer com a gente. Durante esses anos que eu saio nesse Cruzeiro do Forte, nunca aconteceu nada, desde de oito anos que saio nesse Maracatu e sete anos que sou rainha” [...].

Neste depoimento da Dona Neta percebe-se as negociações com o sagrado, que se referem a uma tentativa de comunicação transcendente entre o mundo físico e o metafísico, uma relação de “troca” entre os homens e seus deuses (orixás e entidades), a fim de obter ganhos terrenos.



Ilustrações 3 e 4 - Damas de Paço e as Calungas do Maracatu
Cruzeiro do Forte.

Foto: José Roberto Feitosa de Sena (2011)

Sobre a boneca Calunga, o totem dos Maracatus, Dona Neta descreve:

“A Dama de Paço sai com as bonecas, duas Dama de Paço, uma é minha irmã, outra é uma amiga. As bonecas também, antes de sair, tem que fazer a limpeza pra botar as boneca na rua porque quem comanda o Maracatu é as duas bonecas. Muitas pessoas não sabem disso, mas a coisa forte é as duas boneca do Maracatu, é porque é a entidade que toma conta do Maracatu é as duas bonecas de frente, pode ver, as dama tão tudo de frente, porque as duas boneca carrega as forças de dentro do Maracatu.”

A Calunga dos Maracatus de Baque Solto possui um sentido poderoso e totêmico, que reforça o *ethos* do grupo. O totem das religiões afro-brasileiras é um fator de aglutinação, elemento de confraternização, ressaltando sua importância como mecanismo de formação do grupo em torno de um elemento denominador comum, de um fator de comunhão. Portanto, é possuidor do *poder simbólico*



segundo Bourdieu (2001). Sobre o “poder” existente na Calunga, argumenta dona Neta:

“Muita gente que num sabe pensa que essas bonecas num vale nada, diz assim: isso é uma bruxa, isso é umas bruxas de pano, isso serve pra nada, mai o que? O poder dos maracatu está nas bonecas, tanto na parte dos Orixás como na parte da Jurema porque essas bonecas tem que ser calçadas, as Calunga são as parte mais forte desse Maracatu, eu mesmo quando saio com essas Calunga, as duas bonecas era Flora e Florita, foi pro peji passou três dias”.

As obrigações “assentadas” no Peji correspondem a um legado muito comum em várias culturas e buscam agradar aos deuses para que afastem todo o mal e para a realização de objetivos particulares ou coletivos. São feitas geralmente no terreiro, nas encruzilhadas e matas. Para os dois últimos ambientes são feitos, principalmente, os trabalhos de “despacho”.

As oferendas contribuem para o fortalecimento dos laços socioreligiosos que os unem reforçando os elos mágicos entre os adeptos e os deuses. A culinária afro-brasileira amplia as concepções mitológicas, sendo reinterpretadas subjetiva e regionalmente, segundo Lody (1979). Desse modo, de acordo com esta última fonte, pode-se entender a religiosidade praticada por parte dos participantes do Maracatu rural, não como se tratando de uma modalidade religiosa padronizada, constituída por dogmas comuns a uns e outros terreiros, e sim de um verdadeiro mosaico caleidoscópico formado por *bricolagens* em constantes reinterpretações e (des)continuidades.

O Arreiamá ou Caboclo de Pena

Além dos personagens já citados, o Arreiamá também chamado de Tuxáua e Caboclo de Pena. É um personagem do Maracatu com grande simbolismo e que também se prepara para o carnaval e simboliza o índio



que protege sua tribo, pois “arreja” todo mal, traz consigo arco e flecha e simula uma batalha indígena. É dentre os personagens o que mais evidência a influência indígena pedindo proteção aos espíritos do “mato” e aos mestres-caboclos da Jurema Encantada. Carrega também um machado aludindo ao bravo guerreiro, que luta na resistência às opressões dos invasores. Banha-se no *amass*⁵ e recebe as defumações do fumo da árvore sagrada (Jurema) purificando seu corpo e abrindo seus caminhos.

A religião está presente nestes personagens por meio dos cultos de predominância indígena, a pajelança, religião dos antepassados, e é em boa parte na Jurema ou no Catimbó, como é popularmente conhecida, onde atuam muitos Caboclos de Pena, expressando forte sincretismo com cultos afro-brasileiros. Nas mãos carrega um machado (ou arco e flecha), que simboliza o guerreiro que luta na resistência às opressões dos “invasores”, espíritos mal-feitores que podem “atrapalhar” o Maracatu. Para a sua preparação também recebe defumações em rituais da Jurema.



⁵ Banho feito à base de sete ervas da medicina popular.



Ilustração 5 – Arreimá do Macaratu Cruzeiro do Forte.
Foto: José Roberto Feitosa de Sena (2012).

O defumador é fundamental para abertura dos trabalhos, juntamente com os pontos riscados marcados com a Marafa⁶. Conforme se observou no Maracatu Cruzeiro do Forte, tem por finalidade afastar as más entidades e atrair as boas. As baforadas possuem um poder mágico e durante os passes realizam-se gestos encantatórios que espantam os maus fluídos e garantem força e beleza aos bravos Tuxáuas. “O cachimbo é preferido pelos pretos velhos e, na Umbanda do Nordeste, pelos mestres, Babalaôs, do Catimbó, os quais o acompanham tomando poção de Jurema” (LIMA, 1979).

No Maracatu Cruzeiro do Forte, meses antes da suas apresentações, iniciam-se os trabalhos litúrgicos de preparação, limpeza e proteção para o carnaval. Esses rituais, embora não sejam praticados por todos integrantes, têm uma forte significação simbólica para boa parte dos seus membros, mesmos os que não são adeptos, acreditam que, sem as oferendas depositadas no peji, dificilmente teriam tanto sucesso.

Trabalho de proteção espiritual no carnaval

Ao longo do ano há certa “dispersão” na religiosidade do Maracatu, pois, as pessoas que integram a agremiação têm suas denominações religiosas próprias, muitos são filhos de santo frequentadores de terreiros da região e/ou católicos. Há aqueles que se declaram espíritas e ainda aqueles que frequentam esporadicamente alguma igreja pentecostal do bairro, embora não se considerem “crentes”. Esse trânsito é comum ao longo do ano. Ao início do segundo semestre de cada ano, gradualmente os integrantes vão procurando a sede da agremiação para começar o trabalho de confecção das

⁶ Marafa é o nome dado na Umbanda a “água de fogo” ou aguardente, tem grande força mágica como símbolo sagrado de ligação entre fogo e água, elementos essências da natureza (LIMA, 1979, p. 97).



fantasias e os ensaios, bem como cresce também a procura por dona Neta, para fazer consultas, dar conselhos, realizar “rezas”, indicar rituais de banhos de limpeza, etc.

Observei que não se trata de um afastamento temporário entre a religião e o “povo do maracatu”, pois ao longo do ano continuam a professar suas crenças pessoais. No entanto, ao se aproximarem do período do carnaval, concentram suas preces no e para o Maracatu, embora esta concentração seja multiforme, ela é predominantemente personalizada na figura da liderança espiritual de dona Neta, a manipuladora de objetos sagrados da agremiação cultural. A partir do mês de agosto, de quinze em quinze dias, às tardes de domingo, são realizados os ensaios onde se reúnem familiares e vizinhos para “sambar Maracatu”. Os homens se divertem, revezando os instrumentos, enquanto o mestre⁷ e o contramestre “puxam”, ou seja, dirigem os cantos das loas⁸, que são repetidas em coro pelas baianas e toda criançada que se aglomera em frente à sede, no bairro de Torrões, região oeste da periferia recifense.

A Rainha do Maracatu, Dona Neta, muito entusiasmada, muitas vezes toma o lugar do mestre para cantar algumas “cantigas de macumba” a pedido dos integrantes mais velhos. As letras fazem referência ao passado do Maracatu, entre dificuldades e glórias, além de se mencionar, quase sempre os mestres, caboclos, pretos velhos e demais entidades do universo mítico e encantado afro-indígena.

Ao terminarem os ensaios os homens guardam os instrumentos e depois passam mais um tempo conversando antes de ir embora, até porque muitos, no dia seguinte, irão cedo para o trabalho. As mulheres, muitas delas terão que cuidar das crianças já ‘enfadadas’. Dona Neta também se recolhe levando consigo filhos, netos e bisnetos. É visível a

⁷É o tirador de loas (cantigas), canta de improviso, anima e diz a direção que o Maracatu deve tomar, possui um apito e bengala ou batuta na mão para comandar o cortejo. É um personagem de grande prestígio.

⁸São as músicas cantadas pelo mestre e repetidas pelo contramestre e pelo coro das baianas, geralmente de improviso, como na tradição da embolada, possibilitando que o mestre opine sobre variados temas.



alegria de mais um ensaio e a cada semana aumenta as expectativas para os dias de carnaval.

Para garantir que no próximo carnaval tenham o mesmo desempenho dos últimos, são feitas negociações com o sagrado, afim de que os ‘espíritos ruins’ não possam atrapalhá-los. Muitos integrantes, por indicação de dona Neta, fazem seus banhos de limpeza, a base de sete ervas, e, quando estiverem a quinze dias antes do carnaval, devem abster-se das relações sexuais. As mulheres que estiverem no ciclo menstrual não deverão desfilar no Maracatu. Uma vez não obedecidas tais interdições é provável que o Maracatu não tenha sucesso, pois seus integrantes estarão de “corpo aberto”, ou seja, propícios aos males e à desordem de Exu que, segundo Dona Neta, fica a rondar, esperando encontrar alguém de “boca aberta”, principalmente durante as noites de carnaval.

Vejamos uma transcrição do meu diário de campo, cujas anotações a seguir, foram feitas na quinta-feira da semana pré-carnavalesca:

Aos poucos, toda de branco, ela (Dona Neta) traz os ingredientes do quitute votivo: mel, cachaça, pimenta malagueta, azeite de dendê, fígado, fubá, cerveja, vinho, vela e fumo de cachimbo, além do sacrifício de galinhas. Preparou cuidadosamente o prato dos santos, iniciando as preces com um Pai Nosso e uma Ave Maria, para em seguida firmar o ponto de Exu, “abrindo os caminhos” e iniciando os trabalhos. Durante o preparo ela proferiu uma série cânticos sagrados (oscilando muitas vezes entre língua portuguesa coloquial e dialetos possivelmente de origem Yorubá) que fazem menção aos orixás, as mestres caboclos e preto velhos, narrou em voz alta as preces e os desejos do grupo, pedindo força, proteção e sucesso ao maracatu. Levou as obrigações prontas para seu peji localizado na área externa da casa e iniciou a defumação com baforadas de cachimbo com a fumaça do fumo da Jurema. Ao final ela “despachou” fubá e cerveja para



as entidades da rua, segundo ela, Exus (SENA, 2011)⁹.

Portanto, na visão mítico-simbólica de Dona Neta e de alguns integrantes, é necessário “fechar o corpo” de maneira que, protegidos, possam ser mais uma vez campeões do desfile das agremiações. Para isso não basta apenas que individualmente os Maracatuzeiros pratiquem suas obrigações, é preciso que o grupo tenha fé nos trabalhos espirituais desenvolvidos pela rainha, que se iniciam já semanas bem antes do desfile. São feitas oferendas para o “Homem da Rua’ (Exu) e para as ‘moças’ (Pomba-gira), e, dessa forma, satisfeitos com a “comida de santo”, não incomodarão o Maracatu durante as suas apresentações. ‘Homens e mulheres da rua’, deuses e mestras, são aclamados para a proteção da brincadeira, são induzidos a trabalhar pelo bem, para a tranquilidade e sucesso do Maracatu. Sobre os rituais de preparação que antecedem aos desfiles, Dona Neta, Rainha do Cruzeiro do Forte relata que:

“Primeiro do que tudo, a gente pra sair no Maracatu tem que tomar um banho de limpeza, arreia¹⁰ as obrigações. E, eu que sou Rainha do Maracatu e sou espírita, tenho que arriar a farofa pra Exu, pra Pomba-Gira, pra Malunguinho, é cerveja, é champanhe. Pro homem da rua eu tenho que arriar uma farofa, com bastante pimenta malagueta. Se tiver fígado verde eu tenho que cortar bem cortadinho, passar com azeite no fogo. Pras moças é também uma farofa com pimenta. É pinto¹¹ pra Exu e pra Poma-Gira também”¹².

Chegado o domingo de momo, aumenta a ansiedade: os Caboclos de Lança, já chacoalham os surrões, o terno¹³ dão as últimas aquecidas

⁹ SENA, José Roberto Feitosa de. Diário de Campo, registro realizado na residência de dona Neta em 03/03/2011.

¹⁰ “Arreiar” é depositar as oferendas no peji, imolar objetos sagrado e ofertá-los aos deuses.

¹¹ Entenda-se galinha pequena ou magra.

¹² Depoimento oral concedido por dona Neta em sua casa no dia 1/8/2011

¹³ É assim que é chamada a orquestra do Maracatu rural, é composta por clarinete, trompete, trombone, bombo, surdo, tarol, porca (variação de cuíca) e gonguê. O número e o tipo de instrumentos musicais podem variar a cada grupo.



e as baianas¹⁴ preparam o coral. Dona Neta, à frente, comanda o cortejo visivelmente emocionado, juntos todos cantam e em seguida rezam o Pai Nosso, Dona Neta defuma os integrantes e suas fantasias, faz um círculo no chão com a aguardente – “firmando” o ponto de Exu – chama à frente a Dama do Paço, que muito embelezada carrega no alto a Calunga, para que ela seja reverenciada pelos presentes. Em seguida autoriza que um dos jovens acione os fogos de artifícios e, aos gritos de “viva o Cruzeiro!”, o terno começa a grande festa, ao tocar freneticamente enquanto todos dançam, formando, inicialmente, um círculo, que em saída formará um belo e volumoso cortejo, à frente segue o Estandarte da agremiação conduzido pelo Porta-Bandeira vestido à Luis XVI.

Nas laterais seguem os Caboclos de Lança em rápidas evoluções, irreconhecíveis e catárticos. Cobertos pelo colorido da cabeleira fazem movimentos antihorários e jamais entram no meio do cortejo, pois, se mantendo ao lado, em círculo, protegem as baianas, a calunga e a côrte real. Sua força e agilidade impressionam, irão manter o ritmo frenético nas demais apresentações durante os três dias de carnaval. Muitos terminam com marcas no corpo devido, ao peso e a estrutura metálica vestimenta. É visível o cansaço, no entanto, junto à felicidade e à sensação de obrigação realizada, segundo informações fornecidas por Dona Neta:

“O caboclo de lança tem que sair com um cravo na boca tem que tomar seus banhos também, nem tem nada a ver com mulher, por que isso é um lado muito religioso também, por isso que você vê que eles são tudo azougado, os caboclo de lança quando sai num sai de boca aberta não, são tudo azougado, quando bota o Maracatu na rua já viu, é azougado mermo porque cada cá faz seus perparo,ta entendendo? Eles são uns caboclo agitado, tem muitos que tomam azougue”.

¹⁴ Também chamadas de damas de buquê, usam saias longas rodadas, bordadas e coloridas (de acordo com cor de seu Orixá) e armadas com arame para dar bastante volume à vestimenta. Levam nas mãos buquês de flores simbolizando ato de oferenda às suas entidades, representando o equilíbrio espiritual do folguedo.



Com todos estes personagens sagrados em movimento e após as preces de Dona Neta, inicia-se uma jornada de apresentações, muitas vezes até em cidades distantes, mas, com certeza, a apresentação mais aguardada é o desfile oficial das agremiações carnavalescas do carnaval do Recife, onde o ônibus lotado segue ao centro da cidade do Recife, e lá os participantes se preparam para entrar na avenida. Muito experiente, Dona Neta faz em voz baixa, seus últimos pedidos ao Santo, enquanto a torcida, formada por moradores do bairro, amigos e admiradores, já gritam pelo Cruzeiro do Forte. O exuberante cortejo toma as ruas do Recife, como uma extensão dos seus terreiros, e o sentimento mágico-religioso toma conta desses indivíduos que brincam, festejam e adoram seus deuses, objetos e elementos sagrados. Na semana seguinte retornam para o desfile das campeãs. Dona Neta não duvida que tanto sucesso é atribuído ao seu “Santo forte”, aos seus Maracatuzeiros de “Corpo Fechado” e alegria de viver desse povo tão humilde e tão devoto.

“As dádivas aos homens e aos deuses tem também por finalidade comprar a paz com uns e outros. Afastam-se assim os maus espíritos, mais geralmente as más influências, mesmo as não personalizadas: por que uma maldição de homem permite aos espíritos ciumentos penetrar em vós, matar-vos, permite a ação das más influências, e as faltas contra os homens tornam o culpado fraco em relação aos espíritos e às coisas sinistras” (MAUSS, 2001, p. 75).

Para Marcel Mauss nas sociedades, sejam elas “primitivas” ou contemporâneas, dar, receber e retribuir são obrigações recíprocas em que o recebido deve ser em semelhança retribuído, e os presentes retribuídos devem ser semelhantes aos recebidos. A teoria da reciprocidade explica que as trocas muitas vezes ocorrem não apenas entre os sujeitos, mas também entre coletividades que permutam bens, serviços, banquetes, gentilezas, ritos e palavras, e, por isso, constituem assim, sistemas de prestação.



No imaginário religioso popular dos integrantes do Maracatu de Baque Solto essa relação de “dar e receber”, de troca negociada entre indivíduos e deuses, é marca dessas comunidades. Essa relacional intimidade (DaMatta, 1986) entre as coisas visíveis e invisíveis é um *ethos* que caracteriza os modos de ser, ver e sentir o mundo do povo de santo do Maracatu.

Referencias

- BENJAMIM, Roberto. 1976. *Maracatus Rurais*. Recife: Centro de Estudos Folclóricos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
- BHABHA, Homi. 1998. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG.
- BOURDIE, Pierre. 2001. *O poder simbólico*. 4ed Rio Janeiro: Bertand Brasil.
- CANCLINI, Nestor Garcia. 2008. *Culturas Híbridas: estratégias de entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp.
- DAMATTA, Roberto. 1986. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- FERRETI, Sérgio. 2000. *Festas e costumes do Maranhão no passado*. São Luís: Relatório de Pesquisa Religião e Cultura popular.
- GUINZBURG, Carlo. 2005. *O queijo e os vermes*. São Paulo, companhia das Letras.
- GUERRA-PEIXE, Cesar. 1980. *Maracatus do Recife*. São Paulo: Irmãos Vitale; Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife.
- ISAMBERT, François-André. 1982. *Le sens du sacré: fet et religion populaire*. Paris: De Minute.



LIMA, Dilson Bento. 1979. Malungo: Decodificação da umbanda: contribuição a historia das religiões. 1. Ed., Rio de janeiro: Civilização Brasileira.

LODY, Raul. 1979. Santo também come. Rio de Janeiro: Artenova, Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais;

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

NASCIMENTO. Mariana Cunha Mesquita do. 2005. João, Manoel e Maciel Salustiano: Três gerações de artistas populares recriando os folguedos de Pernambuco. Recife: Associação Reviva.

SENA, José Roberto Feitosa de. 2012. Maracatus Rurais do Recife: entre a religiosidade popular e o espetáculo. Dissertação de mestrado em Ciências das Religiões. (Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – PPGCR-UFPB). João Pessoa: UFPB.